

Economia

Crise Merkel tem novas propostas e apresenta-as na sexta-feira

Pressão máxima alemã para uma nova “união de estabilidade”

O objectivo é conseguir, já na próxima cimeira europeia, uma alteração limitada dos tratados que resolva os problemas da zona euro

Isabel Arriaga e Cunha, Berlim

● A Alemanha quer obter, já na próxima cimeira europeia de 8 e 9 de Dezembro, um compromisso firme dos parceiros sobre os termos exactos de uma alteração limitada dos tratados europeus destinada a consagrar uma “união de estabilidade”. Um passo que, segundo os seus responsáveis, constitui a única forma de resolver rapidamente a crise do euro.

A partir deste compromisso, os líderes deverão aprovar, até Março, o mandato exacto de uma Convenção – que precede obrigatoriamente as negociações formais de alteração dos Tratados –, reunindo os governos dos Vinte e Sete, os parlamentos nacionais e o Parlamento Europeu, explicou Werner Hoyer, o vice-ministro alemão

1 Os líderes da eurozona acordaram reforçar o poder de fogo do fundo de emergência para 1 bilião de euros

dos Negócios Estrangeiros encarregue dos assuntos europeus a um grupo de jornalistas em Berlim.

Esta convenção terá de apresentar propostas concretas num prazo de dois a três meses sobre as disposições a alterar de modo a permitir que os governos se negociem e aprovem por unanimidade até ao fim de 2012, explicou.

Segundo Hoyer, as alterações terão de ser as estritamente necessárias para assegurar o cumprimento das regras de disciplina orçamental por todos os países do euro e para reforçar as sanções contra os governos incumpridores – que terão de passar a ser automáticas sem margem para negociações políticas entre os executivos. “Precisamos de uma resolução muito rápida das lacunas do Tratado” em termos de governação económica do euro, sublinhou.

Hoyer reconheceu que a alteração dos tratados “não é popular” entre os Vinte e Sete, referindo-se implicitamente ao Reino Unido, que quer aproveitar as negociações para recuperar competências comunitárias. Para Berlim, no entanto, está fora de questão “abrir a caixa de Pandora” dos temas polémicos.

Para obter a anuência dos ingleses, os alemães avançam com a solução de tornar as novas disposições aplicáveis apenas aos 17 países do euro.

Os alemães querem alterar, igualmente, os termos do Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), que foi criado num tratado específico concluído entre os governos europeus em Junho para substituir o actual fundo de socorro do euro (FEFF) a partir de Junho de 2013. Alegam que os seus instrumentos “não são suficientes”, segundo afirma um documento de trabalho do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A ideia subjacente é transformar o MEE num verdadeiro Fundo Monetário Europeu (FME), integrado no Tratado da UE e com poderes de interferir na gestão orçamental dos países que lhe peçam assistência financeira. Este fundo deverá ter regras mais exigentes – em termos de participação dos credores privados nestes programas de assistência – do que aquelas que estavam inicialmente previstas.

Actualmente, o MEE prevê que a nova dívida pública emitida a partir da sua entrada em vigor será acompanhada de cláusulas de acção colectiva (CAC) que permitirão a uma maioria dos accionistas impor aos outros uma redução da dívida de um país.

Segundo Berlim, no entanto, “a possibilidade de participação dos credores privados através das chamadas cláusulas de acção colectivas previstas no actual tratado do MEE não é suficiente”.

Os alemães querem assim consagrar no tratado a regra segundo a qual se um país pedir assistência financeira, e

Merkel com Sarkozy em Estrasburgo, no dia 24 de Novembro



Optimismo nas bolsas e pessimismo no mercado da dívida

Juros da Alemanha subiram e os de Itália e de Espanha foram salvos pelo BCE

Os mercados accionistas europeu registaram ontem fortes valorizações, com a bolsa de Paris a superar os 5%. Já no mercado da dívida soberana, as nuvens continuam negras, o que poderá ser explicado pela ameaça da Moody's de cortar o rating de todos os países da zona euro, e pelo agravar da crise.

Os juros da Alemanha subiram pela sexta sessão consecutiva, para 2,288%, quando à mesma hora de sexta-feira estavam ligeiramente abaixo, a 2,224%, muito distantes do recente mínimo histórico de 1,69%. Já os de Itália e Espanha estiveram a corrigir dos máximos do dia. No início da manhã, os juros de Itália a 10 anos fixaram hoje novos máximos, mas depois corrigiram ligeiramente, situando-se, a meio da tarde, nos 7,234%. A mesma tendência foi visível nos títulos de Espanha, que na abertura se situavam nos

6,8% e a meio da tarde caíram para 6,59%. A pressão compradora do BCE sobre obrigações destes dois países explica a descida.

Também os juros da dívida francesa recuaram dos máximos do dia, o que contrastou com as subidas nos títulos de dívida portuguesa e grega, que ao final da tarde continuavam a renovar máximos em vários prazos.

Os sinais de nervosismo no mercado da dívida foram evidentes ainda na subida dos juros da Bélgica, que numa emissão realizada no mercado primário, a 10 anos, viu os juros subir para 5,659%, bem acima dos 4,37% exigidos em recente emissão comparável. A subida dos juros da Bélgica também está a acontecer no mercado secundário, aproximando-se dos seis por cento no prazo a 10 anos.

Os juros de Portugal e da Grécia fixaram novos máximos

em alguns prazos, e os da França registaram uma correcção.

Por que é que o mercado da dívida evidenciou tanto pessimismo e as bolsas dispararam? Alguns analistas admitem que os investidores dos mercados accionistas estão optimistas em relação a uma alteração da posição da Alemanha, na reunião de hoje do Eurogrupo, para permitir uma maior intervenção do BCE no combate à crise.

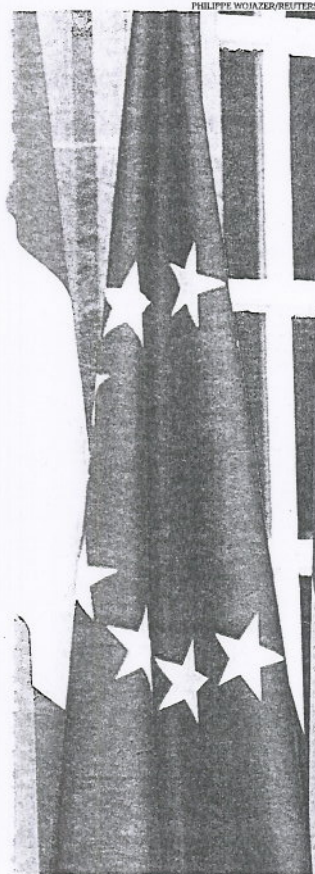
A bolsa de Paris liderou os ganhos, a subir 5,46%. Seguiram-se a bolsa de Frankfurt a subir 4,60%, a de Madrid, que ganhou 4,59%, e a de Milão a ganhar 4,31%. As menores valorizações foram registadas na bolsa de Lisboa (2,83%) e de Londres (2,87%). As bolsas norte-americanas também registaram ganhos significativos.

Rosa Soares

"Aguarda-nos uma tragédia", defende Simon Johnson

Simon Johnson, antigo economista-chefe do FMI, defende que está lançado o mote para a dissolução da união monetária. "Aguarda-nos uma tragédia", é a previsão de Johnson,

que diz que só resta a esperança que os políticos europeus estejam a planejar discretamente uma acção concertada para "evitar que a desordem se transforme em caos".



Casa Branca EUA estão preparados para fazer a sua parte: aconselhar a UE

Kathleen Gomes, em Washington

● "Estes encontros não são sempre os mais surpreendentes, porque nós estamos de acordo em tanta coisa", disse ontem o presidente americano Barack Obama aos jornalistas no final da cimeira Estados Unidos-União Europeia, na Casa Branca, em Washington. Durante os 15 minutos em que os jornalistas lutaram por espaço dentro da Sala Roosevelt, os três líderes – Obama, o presidente do Conselho Europeu, Herman Van Rompuy, e o presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso – fizeram, à vez, declarações reconfortantes sobre a relação transatlântica.

Referindo-se ao tema que dominou o encontro de duas horas, a crise na zona euro, Obama afirmou que "os EUA estão preparados para fazer a sua parte" para ajudar a UE. Que tipo de ajuda? O embaixador americano em Bruxelas, William Kennard, especificou tanto quanto pôde, numa conferência de imprensa: os EUA estão a oferecer "aconselhamento e orientação", mas não qualquer tipo de compromisso financeiro. "Nós temos a nossa própria crise financeira", lembrou o diplomata. "Aconselhamento e orientação" de que natureza? "Não divulgamos publicamente", disse Kennard, mas o presidente Obama "disse que gostaria de ver uma acção mais arrojada, mais rápida e mais decisiva por parte dos líderes europeus e tivemos discussões privadas sobre o que isso implicaria".

"Senhor presidente, pediu alguma coisa em concreto aos líderes?", gritou uma jornalista americana a Obama, mas não era o momento: a Casa Branca recusou fazer uma conferência de imprensa, e os jornalistas só foram admitidos para ouvir as declarações dos três líderes.

Durão Barroso afirmou que queria "tranquilizar o presidente Obama e os americanos: a Europa está a atravessar um período difícil, mas estamos determinados em ultrapassar as dificuldades". E também anunciou a criação de um grupo de trabalho de alto nível – liderado pelos representantes do comércio da UE e EUA – destinado a delinear um plano conjunto destinado a criar emprego e aumentar o crescimento económico dos dois lados do Atlântico, nomeadamente através da redução de barreiras tarifárias. "Aí têm um resultado bem objectivo, factual e concreto desta cimeira", resumiu aos jornalistas o embaixador da UE, João Vale de Almeida.

se o MEE concluir que a sua dívida não é sustentável, pode emprestar dinheiro durante um período "limitado" enquanto prepara o seu *default* (incumprimento da dívida) organizado.

Para prevenir os riscos de instabilidade financeira associados a este processo, a decisão incluirá planos para a recapitalização ou reestruturação dos bancos afectados.

Logo a seguir a este processo, Berlin quer iniciar uma nova revisão dos tratados mais profunda para construir uma verdadeira união política em dois a três anos.

"Estamos a falar de um processo muito ambicioso para aprofundar o desenvolvimento da União Europeia", frisou o responsável, admitindo que nem todos os países queiram prosseguir esse caminho.

Os dois processos deverão seguir-se um ao outro: "O debate sobre como avançar para uma união política deve começar logo que o caminho para a união de estabilidade estiver traçado", concluiu o responsável.

Angela Merkel deverá dar mais detalhes sobre a proposta num discurso no Parlamento alemão na sexta-feira. Na véspera, Nicolas Sarkozy fará um discurso sobre o futuro da Europa.